

DEPARTAMENTO DE LETRAS

**A TRANSITIVIDADE  
SEGUNDO A TRADIÇÃO GRAMATICAL  
E O FUNCIONALISMO**

*Alex Swander* (UNIVERSO)

*Karla Franco dos Santos* (UNIVERSO)

INTRODUÇÃO

O presente artigo tem, por finalidade, confrontar a visão dos mais renomados gramáticos da língua portuguesa acerca da propriedade TRANSITIVIDADE e o nosso ponto de vista teórico baseado no Funcionalismo Lingüístico norte-americano. Assim sendo, partiremos de Luft (1990), que considera a transitividade como sendo uma propriedade em que a ação “passa” direta ou indiretamente a um complemento. Veremos que Kury (1991), por sua vez, apresenta uma visão diferente. O estudioso ao descrever a transitividade em verbos de movimento ou de situação, postulou que tais verbos pedem um complemento adverbial e, ainda que tradicionalmente eles sejam classificados como intransitivos, devem ser considerados como transitivos, partindo-se da idéia de que a transitividade se refere à necessidade de um complemento, que por sua vez, vem complementar uma idéia insuficiente em si mesma. Veremos os apontamentos de Azeredo (2001) que, de certa forma, em muito se aproximam da visão de Bechara (2001) no que tange a questão transitividade como uma propriedade restrita ao verbo. Mostraremos que Cunha (1970) e Lima (2000) apresentam um ponto de vista teórico bem convergente quanto à oposição transitividade X intransitividade. Lima (2000), porém, ao se referir ao verbo “intransitivo”, alerta que este pode trazer um complemento representado por substantivo de mesmo radical, de sorte que o autor considera tal complemento como objeto direto interno. Após discorrer sobre o tratamento tradicional dispensado à transitividade, apresentaremos a nossa proposta funcionalista para o estudo da propriedade em questão, questionando a visão tradicional que circunscreve a transitividade ao verbo, sem se levar em consideração as próprias motivações discursivas, manifestadas no quadro de traços sintático-semânticos formulado por Hopper & Thompson (1980): o número de participantes envolvidos, a idéia de ação, o aspecto perfectivo ou não perfectivo do verbo, a punctualidade do ver-

bo, a intencionalidade do sujeito, a polaridade da frase, o modo *realis* ou *irrealis*, a agentividade do sujeito, a individuação e o afetamento do objeto. Mais adiante, estaremos retomando dois pares de frases consideradas intransitivas tradicionalmente, mostrando que elas apresentam graus diferentes de transitividade, pois para o nosso modelo teórico, a transitividade não é uma propriedade restrita ao verbo, mas presentificada no *continuum* de sentidos em construção, cuja codificação se dá motivada por intenções discursivas. Logo, diferentemente do modelo formalista, o funcionalismo lingüístico entende a transitividade como uma propriedade escalar, posto que as construções de uma língua apresentarão gradientes diferenciados de transitividade, não havendo, portanto, espaço para se opor binariamente e sumariamente transitividade à intransitividade.

### O QUE DIZEM OS GRAMÁTICOS ACERCA DA TRANSITIVIDADE?

A visão apresentada dos autores estudados acabam por, de uma forma ou de outra, considerar a transitividade tão somente uma propriedade verbal. Diferentemente, o modelo teórico norteador da nossa pesquisa, concebe a transitividade como uma propriedade que se manifesta ao longo do discurso. Logo, cada elemento de uma frase exercerá um importante papel quanto à significação do todo. Dórvante, passemos a uma apreciação crítica acerca do que os gramáticos abordados falam sobre a transitividade. Para Azeredo (2001: 76 e 77),

A afirmação de que a predicação do verbo depende da frase implica negar que ela faça parte do sistema da língua, que ela integre o conhecimento que cada um tem de sua língua e que o torna capaz de saber se 'deve' ou simplesmente 'pode' anexar um objeto ao verbo que empregou. Muitos verbos – entre os quais se incluem 'escrever' e 'beber' – estão categorizados na língua como transitivos e intransitivos (. . .) Por tudo isso, não é bastante dizer, por exemplo, que os verbos derreter e escrever podem ser transitivos e intransitivos, porque, categorizados de um modo ou de outro na língua, eles impõem a seus sujeitos papéis semânticos diferentes.

Na nossa concepção, Azeredo ao discordar de que a predicação do verbo depende da frase, justificando que tal afirmação implica negar que ela faça parte do sistema da língua, que ela integre o conhecimento que cada um tem de sua língua e que o torna capaz de

## DEPARTAMENTO DE LETRAS

saber se 'deve' ou simplesmente 'pode' anexar um objeto ao verbo que empregou, endossa a possibilidade de criticarmos tal posicionamento, até porque, segundo a nossa linha teórica (o Funcionalismo norte-americano), a transitividade é uma propriedade discursiva, conforme destaca Abraçado (2000: 4), que se baseia em Hopper & Thompson (1980), a transitividade é um universal lingüístico determinado discursivamente. Manifesta-se num *continuum* que envolve um complexo de dez traços sintático-semânticos, o que revela sua natureza escalar. Em seu trabalho, a autora cita ainda McCleary (1982), que destaca duas funções discursivas (cf. ABRAÇADO, 2000: 5).

1- Função comunicativa (responsável pela organização interna do discurso).

2- Função cognitiva (responsável pela organização e interpretação do mundo exterior).

Assim, McCleary deslocou a transitividade do domínio discursivo para o domínio cognitivo. Desta feita, a transitividade assume uma função associada à dimensão perceptual de eventos. Assim, a transitividade está associada à forma como um espectador codifica eventos percebidos no mundo exterior, de forma que as ações mais salientes, isto é, mais perceptíveis, serão codificadas primordialmente, assumindo 1º plano na codificação lingüística. Indo mais além, Abraçado (*idem, ibidem*) cita Slobin (1982), que endossa a abordagem de McCleary (1982), ao afirmar que os eventos mais perceptivos correspondem a ações mais transitivas. Em sua pesquisa, Slobin constatou que as crianças demonstram perceber mais imediatamente uma mudança física perceptível no estado ou locação de um paciente por meio de um contato físico direto. Assim sendo, Slobin evidenciou empiricamente a realidade perceptual das ações mais transitivas. Por tudo o que apresentamos acima, acreditamos que para Azeredo é o verbo por si mesmo que “carrega” e determina a transitividade das construções; como se os outros constituintes da frase em nada somassem no que se refere a propriedade em questão. Leiamos novamente o que o autor escreve: (...) a transitividade não pode ser definida em termos de experiência extraverbal (AZEREDO, 2001: 76). Entendemos que a transitividade não pode estar restrita ao verbo, mas a todos os constituintes de uma frase. A tradição gramatical

## FACULDADE DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES

compartimenta os termos da oração em “pacotes” (termos essenciais, integrantes e acessórios). Deixaremos para discutir tal instância mais adiante. Entretanto, é importante mencionarmos a necessidade de revermos alguns conceitos categóricos que a tradição formalista sustenta, como por exemplo, o chamado termo acessório.<sup>1</sup> Até que ponto este termo pode ser considerado não fundamental? É evidente que não estamos aqui discutindo o grau de hierarquização de termos nucleares e satélites. Todavia, insistimos em dizer que um termo cuja ausência implica em deslocamento do sentido, não pode ser considerado como algo que não é fundamental. Segundo o Funcionalismo norte-americano, a transitividade não se encontra restrita ao verbo; muito além disso, ela, conforme já dissemos, responsável pela organização do discurso, influenciando na codificação de eventos percebidos no mundo exterior. Por conseguinte, nosso modelo teórico vai de encontro à afirmação apresentada por Azeredo (2001: 76): (...) a transitividade não pode ser definida em termos de experiência extraverbal. Ainda segundo o autor, (2001: 76 e 77):

A afirmação de que a predicação do verbo depende da frase implica negar que ela faça parte do sistema da língua, que ela integre o conhecimento que cada um tem de sua língua e que o torna capaz de saber se 'deve' ou simplesmente 'pode' anexar um objeto ao verbo que empregou.

Azeredo cita Cunha (1970) que aparentemente insatisfeito com o critério formal, se utiliza do critério semântico para tal distinção. Porém, tal recurso parece não atender a construções como 'Que ela afaste de ti aquelas dores / Que fizeram de mim isto que sou' (Floribela Espanca). Cunha, no intuito de diferenciar adjunto adverbial de objeto indireto, utiliza os seguintes exemplos: 'estive com Pedro' e 'concordo com você'. O autor ainda cita Lima (1976: 221), por sua vez, classifica os exemplos apresentados por Cunha como termos integrantes e os chama, respectivamente, 'complemento circunstancial' e 'complemento relativo'. Esta última classificação encontramos, também, em Bechara (2001: 419): O complemento relativo se pré-centifica quando o verbo apresenta um conteúdo léxico de grande extensão semântica e vem introduzido por uma preposição. Exs.: Todos nós gostamos de cinema. Poucos assistiram ao concerto.

---

<sup>1</sup> Adjetivo; que não é fundamental; junto a uma coisa, sem fazer parte integrante dela; s. m. aquilo que se junta ao objeto principal, ou é dependente deste; complemento, atributo (BUENO, 1992, p. 39).

## DEPARTAMENTO DE LETRAS

Quanto àqueles verbos, tradicionalmente classificados como 'intransitivos', os autores por nós estudados apresentam opiniões bastante idênticas, isto é, a noção tradicional de que quando não há uma transferência de ação de um agente para um objeto, configura-se a intransitividade de um verbo. Azeredo (2001: 82 e 83) claramente afirma: sintaticamente, não há diferença entre as frases (a) e (b) de cada um dos pares abaixo:

- (a)"O carro bateu no poste."      (b)"A mulher bateu no marido"  
(a)"Pedro dependia do pai"      (b)"Pedro fugia da escola"  
(a)"Luís mora em Niterói"      (b)"Luís trabalha em Niterói"

Bechara (2001), parece dizer a mesma coisa: Os verbos que apresentam significado lexical referentes a realidades bem concretas não necessitam de outros signos léxicos (...) A tradição gramatical chama intransitivos a tais verbos (p. 415): Ela não trabalha. As crianças cresceram rapidamente' (Bechara, 2001). Interessante para a nossa análise, é constatarmos que Azeredo e Bechara compartilham também da opinião quanto à 'não oposição absoluta' entre verbos transitivos e intransitivos. Leiamos: Azeredo (2001: 79) fala sobre transitividade 'direta' e transitividade 'indireta' e afirma que a distinção que se faz entre verbos transitivos diretos e indiretos é inadequada por várias razões. Em primeiro lugar, não é bem clara a base desta distinção; alguns gramáticos vêm na preposição um indicador do caráter 'indireto' da relação entre o verbo e o complemento. Cunha (1970: 96) também menciona a intransitividade.

Verbos intransitivos são aqueles em que a ação não vai além do verbo. Ex.: Cai o crepúsculo. Kury (1970 p. 24) admite, também, a classificação de verbos como 'intransitivos': Intransitivos (aqueles que podem conter em si toda a significação do predicado sem acréscimo de 'objeto'. Exs.: As crianças brincam / Moro no Rio de Janeiro). Oportunamente, seguindo os pressupostos teóricos do Funcionalismo norte-americano, faremos as críticas pertinentes à classificação dos verbos como 'intransitivos', até porque para o nosso modelo teórico, a transitividade não é uma propriedade binária; ela é uma propriedade escalar. Assim, todas as construções de uma língua, em termos de transitividade, variam em graus. Voltemos aos autores da tradição gramatical que foram por nós estudados. Azeredo (2001: 81

e 82) faz crítica ao conceito tradicional de transitividade – entendido como 'ação que passa de um sujeito a um objeto' – . A crítica se baseia na pressuposição de que sujeito e objeto correspondem categoricamente a agente e paciente. Num primeiro olhar, tal problemática levantada por Azeredo nos chamou muito a atenção, até porque de acordo com o nosso ponto de vista teórico, o conceito tradicional de transitividade apresentado, em oposição às gramáticas que tratam do assunto, não é reducionista, pois abre espaço para a nossa abordagem teórica de que a transitividade não é uma propriedade restrita ao verbo. Entendemos que é prototipicamente mais transitiva a frase em que um sujeito humano e individuado, intencionalmente, provoca uma perceptível mudança de estado físico em um objeto também individuado. Kury falará de verbos transitivos diretos e indiretos simultaneamente (*id ibidem*): aqueles que necessitam ao mesmo tempo do objeto direto e do objeto indireto, que, quando substantivo, vem obrigatoriamente precedido de preposição (a, mais raramente para), e que designa o ser a quem a ação beneficia ou prejudica (dar, devolver, entregar, mostrar, oferecer, pedir, etc.). Exs.: Deu tudo aos pobres / Para o filho reservará os melhores livros. Acreditamos que, nesta revisão bibliográfica, ficam evidentes as razões que nos levaram a sustentar a hipótese de que a orientação funcionalista norte-americana pode ser bastante útil para o ensino da transitividade. Não temos a pretensão de 'mudarmos' a forma de se estudar a transitividade. Não é de nosso intuito 'atacar' o modelo tradicional. Queremos sim, provar que os pressupostos teóricos do modelo teórico funcional norte-americano que norteiam nossa pesquisa, podem fundamentar uma possibilidade de abordagem teórica, para o processo de ensino e aprendizagem da transitividade. Podemos perceber que Azeredo e demais autores por nós estudados entendem a transitividade, ou melhor, "a intransitividade" de frases como as que se encontram acima, considerando tão somente o critério tradicional que explica o verbo intransitivo como aquele em que não há uma transferência de ação para um objeto. Em outras palavras, é aquele que não "necessita" de complemento, pois o seu sentido já está completo. Será que é mesmo assim? Ora, partindo dos dez parâmetros sintático-semânticos supracitados, mostraremos que a transitividade não está restrita ao verbo, conforme é expresso pelo modelo tradicional. Apoiando-nos em Kury (1991), propomo-nos a analisar algumas das frases apresentadas, segundo a orientação do modelo funcionalista norte-americano.

## DEPARTAMENTO DE LETRAS

Nossa análise também se baseia no conceito de agência postulado por Lyons (1977) e no exemplo-paradigma de um evento ou processo também por ele apresentado:

Podemos pensar que o exemplo paradigma é aquele em que uma entidade animada, X, intencional e responsabilmente usa sua própria força, ou energia, para realizar um evento ou iniciar um processo; e o exemplo paradigma de um evento ou processo em que agência está obviamente envolvida será a que resulta em uma mudança na condição física ou locação de X ou de outra entidade, Y. (p. 483)

### NOSSA POSIÇÃO

Questionamos a visão tradicional acerca da transitividade, que é concebida como uma propriedade única do verbo, de forma que estes são classificados como transitivos, quando acompanhados de objeto direto e / ou indireto e intransitivos, quando não há complemento. Partiremos do Funcionalismo norte-americano e, mais especificamente, utilizaremos os parâmetros sintático-semânticos de Hopper e Thompson (1980):

**Quadro 1: transitividade; traços sintático-semânticos**

TRAÇOS	ALTA TRANSITIVIDADE	BAIXA TRANSITIVIDADE
1- n° de participantes	<i>ação</i>	<i>não-ação</i>
2- cínese	<i>dois ou mais</i>	<i>um</i>
3-aspecto	<i>télico</i>	<i>não télico</i>
4-punctualidade	<i>punctual</i>	<i>não punctual</i>
5-polaridade	<i>afirmativa</i>	<i>negativa</i>
6-modo	<i>realis</i>	<i>irrealis</i>
7-agentividade	<i>agentivo</i>	<i>não-agentivo</i>
8-volição	<i>volitivo</i>	<i>não volitivo</i>
9-indivduação do objeto	<i>indivduado</i>	<i>não indivduado</i>
10-afetamento do objeto	<i>afetado</i>	<i>não-afetado</i>

Observemos as frases abaixo:

a) "O avião subiu". b) "Karla necessita de livros". c) "Karla comprou livros". d) "Karla ofereceu livros a Alex".

Na visão tradicional, os verbos nas frases acima são classificados em: a) Intransitivo. b) Transitivo indireto. c) Transitivo direto d) Transitivo direto e indireto. Segundo a orientação de Hopper e Thompson, todas as sentenças apresentam graus de transitividade, não sendo nenhuma delas totalmente intransitiva. Logo, temos as se-

guintes considerações: A frase "o avião subiu" apresenta os seguintes traços: cinese, aspecto perfectivo, verbo punctual, polaridade afirmativa, modo *realis*. Portanto, são cinco traços de transitividade. Na frase: "Karla necessita de livros" encontramos os seguintes traços: polaridade afirmativa, modo *realis*, objeto individuado. Logo, são três traços. Na frase "Karla comprou livros" encontramos os seguintes traços: cinese, aspecto perfectivo, verbo punctual, sujeito intencional, ação afirmativa, modo *realis*, sujeito agente. São, portanto, sete traços. Passemos à última frase:

"Karla ofereceu livros a Alex. "Encontramos os seguintes traços de transitividade: cinese, dois participantes, aspecto perfectivo, verbo punctual, sujeito intencional, ação afirmativa, modo *realis*, sujeito agentivo. São, portanto, oito traços. Partindo dessa análise, segundo os parâmetros de Hopper e Thompson, a última frase (Karla ofereceu livros a Alex) é a que apresenta maior potencial de transitividade e a de menor é a segunda frase (Karla necessita de livros). Analisemos as frases que seguem abaixo: 1- José morreu. 2- José morreu lentamente. 3- José morreu violentamente. Do ponto de vista tradicional, as três frases acima são consideradas como 'intransitivas'. Para nós, segundo a orientação do modelo funcionalista norte-americano, as frases supracitadas apresentam cinco dos dez parâmetros sintático-semânticos de Hopper & Thompson: a) Cinese; b) aspecto télico; c) verbo punctual; d) polaridade afirmativa; e) modo *realis*. De acordo com a nossa perspectiva de análise, ainda levantamos a hipótese de que as frases 1, 2 e 3 não apresentam um mesmo grau de transitividade. Em outras palavras, nas frases 2 e 3 encontramos um elemento (de natureza adverbial, segundo a tradição gramatical) que terá um papel crucial na sua descrição sintático-semântica. Analisemos: 'José morreu lentamente.'. Nesta frase, o SN 'lentamente' funcionará como uma 'inferência', isto é, uma pista que acionará o seguinte esquema cognitivo: Se José morreu lentamente, é porque houve todo um processo, que fará com que haja um distanciamento interpretativo entre a ação e o efeito resultante dela. Assim, seguindo a nomenclatura funcionalista, nessa frase embora o verbo tenha o aspecto télico, ele não é tão punctual como na frase: 'José morreu violentamente.'. Nesta frase, o SN 'violentamente' funcionará como uma 'inferência', isto é, uma pista que acionará o seguinte esquema cognitivo: Se José morreu violentamente, é porque tal acontecimento

## DEPARTAMENTO DE LETRAS

se deu de forma fulminante. Assim, a punctualidade do verbo se mostra maior nessa frase. Com base nos apontamentos que postulamos, temos o seguinte escalonamento quanto aos gradientes de transitividade: frase 3 > frase 1 > frase 2. A evidência do que levantamos acima, reforça o que já dissemos em trabalho anterior (Swander, 2001: 15) acerca dos elementos considerados 'acessórios' pela tradição gramatical:

Para darmos prossecução à nossa análise, volvamos a atenção para o significado dicionarizado da palavra acessório:

Adjetivo; que não é fundamental; junto a uma coisa, sem fazer parte integrante dela; s. m. aquilo que se junta ao objeto principal, ou é dependente deste; complemento, atributo. (BUENO, 1992: 39)

Acreditamos ser viável um questionamento da terminologia "acessório" utilizada tradicionalmente para a nomeação de alguns elementos na cadeia lingüística, (...) Até que ponto este termo pode ser considerado não fundamental? É evidente que não estamos aqui discutindo o grau de hierarquização de termos nucleares e satélites. Entretanto, insistimos em dizer que um termo cuja ausência implica em deslocamento do sentido semântico, não pode ser considerado como algo que não é fundamental (cf. SWANDER 2001: 15). Hopper e Thompson associam a transitividade a uma função discursivo-comunicativa. O maior ou o menor potencial de transitividade se verifica na maneira como o discurso é estruturado. Assim, parece-nos que, universalmente, as sentenças mais transitivas são aquelas em que um agente animado, intencionalmente causa uma mudança física e perceptível de estado ou locação em um objeto individuado. É preciso compreendermos a língua de maneira mais efetiva e não somente limitados a uma visão metodicamente excludente em que Sintaxe e Semântica são disciplinas afastadas, de forma que a análise sintática tradicional acaba sendo uma forma de "esquartejamento da língua", sem que para tal haja uma utilidade prática. Paraphraseando Veríssimo (*apud* LUFT, 1985: 14-16), quando este alertava para os males de uma gramaticidade na crônica "O gigolô das palavras":

...Eles só estão esperando, fardados, que o português morra para poderem carregar o seu caixão e escrever sua autópsia definitiva. É o esqueleto que nos traz de pé, certo, mas ele não informa nada, como a gramática é a estrutura da língua, mas sozinha não diz nada, não tem futuro. As múmias conversam entre si em gramática pura.

## FACULDADE DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES

Palavras fortes, porém coerentes, se entendermos que é preciso rever a nossa postura diante da gramática. É evidente que não é objetivo do presente trabalho, tecer argumentos contrários ou favoráveis à gramática, mas se conseguirmos provar que o aluno a partir da orientação funcionalista, deixará de conceber a transitividade como uma propriedade exclusiva do verbo, estaremos abrindo caminho para uma série de questionamentos futuros, que poderão garantir as mudanças necessárias para que o binômio ensino – aprendizagem da língua se configure mais consistentemente.

### CONCLUSÃO

Como foi possível percebermos ao longo do presente trabalho, uma vez contrapondo a visão tradicional do que se entende por transitividade ao modelo funcionalista, torna-se compreensível a razão que nos levou ao questionamento do formalismo, em sua versão tradicional, que considera a transitividade como tão somente uma propriedade verbal. Vimos que tal propriedade, tão crucial na linguagem, pode e deve ser definida de maneira mais abrangente, até porque, para o funcionalismo norte-americano, a transitividade é uma propriedade que se verifica no *continuum* de sentidos sustentados por dez traços sintático-semânticos, como postularam Hopper & Thompson (1980). Esperamos que a contribuição do nosso trabalho tenha sido relevante. Outrossim, reiteramos o quê foi apresentado e discutido, no sentido de que haja uma retomada de posturas metodológicas para uma melhor compreensão da transitividade, visto que a própria língua é um *continuum* de sentidos em construção, cuja codificação lingüística se dá motivada por intenções comunicativas. Queremos constituir a possibilidade de estarmos abrindo um novo caminho para o estudo da transitividade de maneira a contribuirmos para o seu melhor entendimento. Desta feita, sendo o funcionalismo uma corrente teórica que contempla a língua em uso, este modelo pode ser muito útil para a abordagem gramatical. Afinal, sendo homens e mulheres da ciência, devemos agir como tal e abolirmos o preconceito e a intolerância lingüística, bem como os embates que se instauraram na “arena” em que a gramática se encontra. Pensamos que do “casamento” entre a descrição lingüística e a tradição gramatical, o estudo da língua só tem a ganhar. Sejamos, portanto, menos herme-

## DEPARTAMENTO DE LETRAS

nêuticos e, de ambos os lados, deixemos resplandecer o que as várias vozes destas duas correntes têm a somar.

### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, M. J. A. de. Transitividade, ergatividade e a ordem verbo-sujeito no processo de aquisição do português. In: *Veredas – Revista de estudos lingüísticos*, v. 3, n. 2, jul. / dez.

AZEREDO, J. C. de. *Iniciação à sintaxe do português*. 7ª ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001. Coleção Letras.

BECHARA, E. *Moderna gramática portuguesa*. 37ª ed. rev. e ampl. Rio de Janeiro: Lucerna. 2001.

BUENO, F. da S. *Dicionário escolar da Língua portuguesa*. 11ª ed. 12ª tiragem. Rio de Janeiro: FAE. 1982.

CUNHA, C. *Gramática do português contemporâneo*. Belo Horizonte: Bernardo Álvares, 1970.

GIVÓN, T. *Functionalism and grammar*. Amsterdam: John Benjamins, 1995.

HOPPER, P. & THOMPSON, S. Transitivity in grammar and discourse. *Language*, 56 (2): 251-299. 1980.

KURY, A. da G. *Lições de análise sintática* (teoria e prática). 5ª ed. aum. Rio de Janeiro: Fundo de Cultura, 1970.

LIMA, C. H. da R. *Gramática normativa da língua portuguesa*. Prefácio de Serafim da Silva Neto. 38ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2000.

LUFT, C. P. *Língua & liberdade*. 8ª ed. Porto Alegre: L & PM. 1985.

SWANDER, Alex. *Uma discussão acerca do caráter acessório atribuído aos artigos em língua portuguesa*. Monografia apresentada ao programa de pós-graduação *stricto sensu* em Língua Portuguesa, pela UFF, 2001.